

Cuba - navegando para além do império



Por **BRIAN KELLY***

No desdobramento da crise cubana e dos protestos de 11J, a esquerda internacional enfrenta desafios estratégicos complexos

No rescaldo dos recentes protestos em Cuba e dos esforços contínuos das elites dos EUA para intervir na ilha, Brian Kelly defende uma oposição de princípio à ameaça de intervenção imperialista e contra a atitude acrítica adotada por grande parte da esquerda em relação à burocracia cubana.

A eclosão de protestos de rua em cidades de Cuba no dia 11 de julho gerou confusão e intenso debate na esquerda global. Por todo mundo, muitos daqueles que justificadamente se inspiraram na recusa da ilha em dobrar-se diante da implacável agressão dos Estados Unidos durante mais de sessenta anos, adotaram uma postura totalmente defensiva, reproduzindo a linha cínica defendida pelo Partido Comunista Cubano (PCC).

Desde os protestos, o governo tem tentado reduzir os eventos a uma tentativa de “revolução colorida” incubada pelo serviço de inteligência dos EUA e seus soldados de infantaria de Miami e envolvendo um punhado de agentes pagos – alternadamente descritos como “mercenários”, “vândalos”, “delinquentes” – na própria ilha. Enquanto isso, grande parte da mídia burguesa nos Estados Unidos e em outros lugares seguiu obedientemente o roteiro apresentado por cubano-americanos abastados de direita, que estão ansiosos para retratar a revolta como o início de uma revolta contra o “comunismo” e a favor da “liberdade” e “democracia” de tipo estadunidense.

Embora, como argumentarei, haja elementos de “verdade” em ambas as representações, nenhuma das interpretações que agora circulam na imprensa e nas redes sociais pode oferecer uma análise confiável do movimento que surgiu nas últimas semanas, muito menos explicar de onde surge a revolta na sociedade cubana ou o que ela reserva para o futuro.

Para uma esquerda global comprometida com o antiimperialismo e com uma visão igualitária da democracia dos trabalhadores como um elemento essencial do projeto emancipatório socialista – uma visão democrática que nunca foi realizada em Cuba pós-1959 – uma análise honesta e abrangente da dinâmica em ação na sociedade cubana hoje é extremamente necessária.

Qualquer avaliação confiável deve começar reconhecendo o significado histórico das manifestações de 11 de julho. O Estado cubano, controlado pelo PCC e liderado desde 2019 pelo presidente Miguel Díaz-Canel, tem se esforçado bastante para minimizar sua importância e deturpar sua composição e motivações.

Parte da dificuldade em obter uma imagem precisa reside no monopólio do estado sobre a comunicação, imposto desde os protestos com a repressão ao acesso à Internet. Mesmo pelas estimativas mais cautelosas, no entanto, os protestos representam as mobilizações não-estatais mais significativas na era pós-revolucionária, eclipsando o *Maleconazo* de 1994 em Havana, que terminou apenas após a intervenção pessoal de Fidel Castro e desencadeou o êxodo de Mariel.

Nesse sentido, os protestos de 11 de julho são evidências de uma crise genuína, profundamente enraizada e em maturação do Estado cubano, e não apenas um fogo de palha criado por elementos obscuros ligados ao Departamento de Estado dos EUA.

A revolta afetou muitas das principais vilas e cidades da ilha, envolvendo vários milhares de cubanos comuns. Relatos confiáveis de Havana e arredores sugerem que as manifestações envolveram um número significativo dos bairros mais

pobres, incluindo um número significativo de afro-cubanos, e foram compostas em sua maioria por jovens.

Politicamente, as mobilizações variaram em suas demandas: embora os slogans fáceis promovidos pela mídia social baseada em Miami [“libertad”; “Patria y vida”; “Abajo comunismo”] parece ter dominado desde o início, os setores participantes dos protestos eram heterogêneas e – especialmente – focadas principalmente nas fontes mais diretas e tangíveis das frustrações atuais. Significativamente, a raiva parece ter sido dirigida principalmente contra as lojas MLC (dólar), as sedes da polícia e (em Havana) os hotéis turísticos.

Embora a maioria dos protestos pareça ter ocorrido sem confrontos sérios, houve alguma violência (incitada tanto por manifestantes quanto pelas forças de segurança do Estado e militantes do PCC) e uma morte – um afro-cubano de 36 anos de Arroyo Naranjo, nos arredores de Havana. Centenas de pessoas foram detidas – muitas delas muito jovens – e há relatos confiáveis de espancamentos e graves maus-tratos de manifestantes detidos.^[ii]

É inegável que o governo dos Estados Unidos e grupos de oposição cubano-americana por ele fortemente financiados e patrocinados no sul da Flórida desempenharam um papel, por meio das redes sociais, no incentivo à mobilização inicial por meio da promoção da hashtag #SOSCuba, fazendo uso de um exército de “bots” para transmitir uma impressão de colapso iminente, e reforçando os apelos de políticos de direita como o republicano Marco Rubio por um “corredor humanitário”, supostamente para aliviar o intenso sofrimento enfrentado pelos cubanos comuns. Rubio, por sua vez, foi apoiado pelo prefeito de Miami, que defendeu ataques aéreos.

Essas tentativas de explorar as verdadeiras frustrações dos cubanos são consistentes com a política absolutamente cínica dos Estados Unidos ao longo de muitos anos – desde o desastre de sua invasão fracassada em Playa Girón (a Baía dos Porcos), em 1961, até as numerosas e muitas vezes ridículas conspirações para assassinar Fidel Castro, tentativas bem documentadas de guerra biológica e patrocínio de atos declarados de terrorismo mortal contra funcionários e civis cubanos. Embora seu envolvimento em fomentar o confronto seja inegável, é enganoso sugerir – como fez o governo cubano – que os protestos possam ser reduzidos a um “golpe brando” contra-revolucionário.^[iii]

O bloqueio dos EUA: punição por desafiar o império

Ao analisar os eventos, a esquerda fora de Cuba precisa reconhecer, claramente e sem equívocos, o papel hostil ativo e contínuo do imperialismo dos EUA em tentar fazer Cuba pagar o preço por seu desafio ao império americano durante muitos anos.

Assim como no passado os socialistas se opuseram às sanções dos EUA contra o Iraque, e o fazem hoje nos casos da Venezuela ou do Irã, este princípio antiimperialista fundamental não se baseia em um endosso político de qualquer regime que as grandes potências tenham sob sua mira. Qualquer avaliação honesta teria que reconhecer que, longe de ser exercido em busca da “liberdade”, o bloqueio americano foi imposto unilateralmente, em face da oposição global, como uma medida punitiva destinada a enviar uma mensagem clara ao povo cubano e para qualquer outro que ousasse seguir seu exemplo, de que há um preço abusivo a ser pago por desafiar o poder americano.

Além disso, essa hostilidade não faz parte de uma história distante: neste exato momento, em meio a uma pandemia global devastadora, o bloqueio significa que, apesar de algumas conquistas notáveis de seu próprio sistema de saúde socializado, cubanos comuns morrerão literalmente por falta de acesso a respiradores e até mesmo a seringas – ambos bloqueados sob os termos do embargo dos Estados Unidos. Que Biden nos poupe de suas lágrimas de crocodilo, portanto.

O que é necessário não é um ‘corredor humanitário’ supervisionado pelos próprios perpetradores do bloqueio, mas o fim imediato e incondicional do embargo criminal, com reparação pelos danos que causou ao longo de muitos anos à economia cubana.^[iiii]

Os eventos recentes expuseram claramente tanto a continuidade da política imperialista conduzida pelo governo Biden quanto os perigos que – deixados sem controle – só podem enfraquecer uma crescente esquerda dos EUA que deposita sua fé no Partido Democrata. Biden, é claro, não mostrou nenhuma inclinação para reverter os reforços severos ao bloqueio ocorridos sob Trump e Pompeo, e seu governo está repleto de políticos da linha-dura que parecem felizes em dobrar as apostas nesse legado cruel.^[v]

Há indicações claras de que, como outros antes dele, a abordagem de Biden em relação a Cuba está sendo impulsionada não apenas por seu compromisso de longa data com o império, mas por considerações eleitorais perversas. Temendo que os democratas perdessem votos no sul da Flórida se rompessem com uma política que nunca gerou nada além de miséria, a Casa Branca está tomando a liderança dos elementos de extrema direita mais fanáticos da comunidade de emigrados da Flórida.

A flagrante inconsistência entre a sanção de Biden aos oficiais de defesa cubanos por seu papel na repressão e seu endosso veemente a regimes que cometeram violações de direitos humanos muito mais graves em Israel e na Colômbia expõe a hipocrisia básica em ação.^[vi]

Dentro de Cuba: Socialismo sem Democracia?

Acontece, porém, que os inimigos de nossos inimigos de classe não são necessariamente nossos amigos. A natureza da profunda crise que está se desenrolando em Cuba deve obrigar a que a esquerda internacionalmente examine seriamente muitas das suposições que por muito tempo permaneceram inquestionáveis sobre a natureza da sociedade cubana sob o governo do PCC. Alguns partidários do governo cubano agem como se o relógio tivesse parado em 1959 e, ao longo dos anos, não tivéssemos nenhuma evidência para avaliar o histórico daqueles que afirmam construir o socialismo.

A realidade é que após um breve período de relativa abertura após o triunfo da Revolução, Cuba – por muitos anos sob o governo inexplicável de um único líder, Fidel Castro, e posteriormente por seus herdeiros políticos – cambaleou de uma crise econômica para a outra, com espaço limitado para a democracia dos trabalhadores – sempre por capricho do PCC, estreitando-se nos últimos anos a ponto de já não existir.

Entre seus defensores internacionais, o bloqueio é frequentemente usado como uma cobertura para todas as deficiências internas do regime, mas entre muitos cubanos fartos da ineficiência burocrática endêmica e da crescente corrupção e desigualdade, tais alegações são vistas com escárnio.^[vii]

Embora seja certamente verdade que o bloqueio e a persistente hostilidade externa moldaram o contexto abrangente em que a economia cubana se desenvolveu desde 1959, os próprios problemas econômicos que atormentaram Cuba desde o triunfo da revolução estão enraizados, também, em um sistema de governo burocrático que deixa pouco ou nenhum espaço para uma participação democrática genuína.^[viii]

A prova disso está na primeira grande crise, desencadeada pelo fracasso espetacular em 1970 (apesar dos enormes sacrifícios entre os cubanos comuns) em cumprir a meta de Castro de assegurar uma safra de açúcar de dez milhões de toneladas. O desastre de *La Zafra de los Diez Millones* teve implicações duradouras para a economia e encerrou definitivamente as tentativas de traçar um curso semi-independente da URSS – inclusive na política externa cubana.

A campanha revelou também as limitações da democracia na Cuba de Castro. As “organizações populares” criadas nos primeiros anos da Revolução desempenharam um papel fundamental na mobilização da mão-de-obra (e aqui o entusiasmo genuíno do período pós-revolucionário foi um grande trunfo), mas não tiveram voz real na definição de metas ou no planejamento da produção – isso foi decidido pela direção do PCC ou, mais frequentemente, pelo próprio Fidel.

Em várias conjunturas (como na “campanha de retificação” iniciada por Castro no final dos anos 1980 para evitar o tipo de implosão que então se desenrolava na URSS), os sindicatos dominados pelo estado (CTC) foram implantados em meio a lutas internas dentro da burocracia governante, mas seu papel principal sempre consistiu em transmitir ordens dadas de cima e garantir que as metas de produção fossem cumpridas, em vez de defender os trabalhadores.

No exterior, Cuba conseguiu manter a imagem de um caminho alternativo – “socialismo e sol” – mas a dura realidade é que, do início dos anos 70 em diante, grande parte da sufocante cultura política dos estados stalinistas na “esfera soviética” da Europa Oriental foi importada para a ilha no atacado, incluindo sua abordagem em questões de segurança interna.

Uma crise multifacetada

A recente turbulência – excepcional em escala para os padrões cubanos, mas ainda modesta em tamanho e sem raízes organizacionais profundas – sinaliza o amadurecimento crescente de uma crise econômica prolongada.

A evolução da crise atual é melhor compreendida em duas fases: o início do declínio econômico de longo prazo desencadeado pelo colapso da URSS e a retirada das subvenções russas de petróleo e energia; e a dura intensificação das dificuldades evidentes nos últimos anos, agravada por um declínio acentuado no acesso ao petróleo venezuelano, aumento das sanções dos EUA sob Trump e redução quase total do turismo no período desde o início da pandemia de Covid.

Em ambas as tendências, vemos a mesma dinâmica em ação: um contexto abrangente de crise econômica moldado pelo bloqueio e, dentro dele, os erros estratégicos de cálculo pelos quais o Partido no poder tem responsabilidade esmagadora. O PCC de Raúl Castro e agora de Díaz-Canel tem caminhado na direção do modelo sino-vietnamita de “reformas de mercado” que, nas palavras de Sam Farber, “combinam um alto grau de autoritarismo político com concessões ao capital privado e, especialmente, ao estrangeiro.”^[viii]

A virada para o turismo como fonte crítica de moeda a partir do início dos anos 90 e as mudanças provocadas pela abertura das remessas de dólares para cubanos com família fora da ilha deram origem a desequilíbrios e crescentes desigualdades. De forma mais significativa, a baixa proporção de cubanos negros sem parentes para sustentá-los da diáspora, combinada com evidências de discriminação racial no setor turístico, significou que os afro-cubanos foram desproporcionalmente representados entre os “deixados para trás” pela nova virada. Isso explica em parte sua proeminência nas mobilizações de rua em 11 de julho.

O impacto da privação adicional na era da pandemia intensificou dramaticamente essas disparidades e mergulhou muito mais cubanos em circunstâncias terríveis. Ao explicar essas novas dificuldades, devemos reconhecer não apenas as pressões externas, mas também os erros dos burocratas do Estado e as prioridades distorcidas perseguidas por aqueles que dirigem a economia.

O economista cubano Pedro Monreal demonstrou, de forma chocante, que durante todo o período de um ano e meio em que a ameaça representada pela pandemia foi óbvia, os encarregados pelo planejamento estatal despejaram uma proporção crescente de recursos estatais no setor do turismo, reduzindo significativamente os recursos na saúde e educação.^[ix] Aqui está um exemplo dramático da ausência de planejamento democrático e seu impacto tangível na vida diária dos trabalhadores cubanos.

As notáveis realizações do setor de biotecnologia cubano no desenvolvimento de vacinas e a solidariedade internacionalista demonstrada pelos profissionais de saúde cubanos em todo o mundo estão lado a lado com níveis bastante baixos de vacinação em toda a ilha, e agora com um aumento que em lugares como Matanzas resultou em um quase colapso dos hospitais. Há indícios, aliás, de que uma reabertura prematura ao turismo pode ajudar a explicar esse aumento.

A raiva causada pela resposta do Estado a Covid em Cuba é, portanto, qualitativamente diferente das manifestações de direita que vimos em outros lugares: entre os cubanos que cresceram imensamente orgulhosos de seu sistema de saúde, muitos culpam o Estado por privar hospitais e profissionais de saúde dos recursos necessários para combater o vírus.

Tudo isso ocorre em um contexto em que a liderança pós-castrista do PCC enfrenta uma crise de legitimidade e que apresenta um fosso crescente entre as aspirações dos jovens e a burocracia esclerosada de um Partido aparentemente incapaz de realizar reformas.

Diante dessa intensa e multifacetada adversidade, e diante de um governo que não parece capaz de traçar um caminho claro para sair da crise, nem de falar com franqueza aos setores mais pobres da sociedade cubana, não é surpresa que uma parte dessa raiva tenha encontrado seu caminho nas ruas no dia 11 de julho. Não é apenas um erro, mas também desonesto caracterizar essas reações como uma manifestação de “contra-revolução”.

A direita e a esquerda emergente

As organizações contra-revolucionárias sediadas em Miami – que não escondem suas esperanças de mudança de regime –

mudaram após os protestos de 11 de julho para reivindicar o movimento emergente como seu e para caracterizá-lo em termos anticomunistas tradicionais. A superficialidade de sua compreensão dos eventos está clara em um debate recente sobre a Al Jazeera, onde Rosa Maria Paya, do Cuba Decide, com sede na Flórida, lutou para justificar o apoio ao bloqueio dos EUA e rejeitou as alegações de que a participação nos protestos de 11 de julho foi motivada por desespero econômico.

Até agora, entretanto, muitos na esquerda global continuam a repetir a linha do PCC, que por si só aceita todas as reivindicações fundamentais da direita cubano-americana. Como afirma uma importante contribuição do blog de esquerda *Comunistas*, baseado na ilha, o problema aqui é que:

“Reproduzir o argumento de que os milhares de manifestantes de 11 de julho são contra-revolucionários é dar à contra-revolução uma vitória que não lhe pertence. Reproduzir o argumento de que as manifestações de 11 de julho foram preparadas pela contra-revolução é ceder à direita uma capacidade de organização e mobilização que ela não tem.

Só a partir de uma análise crítica marxista pode-se entender o que aconteceu em 11 de julho. A posição acrítica apenas isola o governo da sociedade e fortalece a propaganda política contra-revolucionária. É urgente que o governo cubano analise o que fez de errado e o explique publicamente.

As massas estão cansadas de ouvir que tudo é culpa do imperialismo ianque. A maioria quer ouvir o governo fazer uma autocritica profunda, reconhecendo que o 11 de julho é em grande parte um produto de seus erros. Tal gesto concederia legitimidade política significativa à liderança – mas a arrogância fechada da burocracia impede isso.”

Tal análise, de cubanos de esquerda ávidos por defender os ganhos reais da Revolução, oferece um corretivo profundo para a análise simplista que está sendo propagada pela direita anexacionista cubana e americana e por uma elite cubana cada vez mais distante, governando em nome do comunismo. “Ignorar o fato de que aqueles que aderiram aos protestos de 11 de julho vieram do setor economicamente mais afetado”, avisa o *Comunistas*, “é contribuir para que algo semelhante volte a ocorrer em alguns meses”.

Uma avaliação confiável da atual conjuntura da sociedade cubana deve reconhecer tanto as fontes de longo prazo de frustração popular, que remontam às grandes mudanças ocorridas após o colapso da URSS – quanto à acentuada intensificação da crise no contexto de uma pandemia e uma marcha liderada pelo governo em direção ao aumento da desigualdade.

Para aqueles que desejam defender os ganhos tangíveis da revolução cubana – na saúde e na educação, na defesa da soberania nacional – é fundamental reconhecer que hoje estão seriamente ameaçados por forças internas e externas. Caso contrário, como advertiu um editor do *La Joven Cuba*, “os trabalhadores acabam identificando o socialismo como um sistema ineficiente e repressor, e pode por reagir dizendo: ‘Olha, não me fale em socialismo porque eu não quero nada parecido com isso’”.

No desdobramento da crise cubana, a esquerda internacional enfrenta desafios estratégicos complexos e precisa traçar um caminho que defenda o anti-imperialismo genuíno e consistente e com os princípios da solidariedade internacional da classe trabalhadora. Isso significa estender nossa mão à crescente esquerda independente de Cuba e aos trabalhadores da ilha que merecem nossa solidariedade na busca por construir uma democracia socialista dinâmica.

Para a emergente nova esquerda cubana, a nova conjuntura apresenta oportunidades e desafios reais em igual medida. Os acontecimentos de 11 de julho demonstram as possibilidades de romper os limites da “política dissidente” às vezes altamente problemática, e também a necessidade de construir um movimento que comece a se relacionar com a massa de trabalhadores cubanos em busca de algo melhor.

Isso exigirá traçar uma linha clara entre os truques sujos da direita cubano-americana e um movimento pela auto-emancipação dos trabalhadores enraizado entre aqueles que não se curvaram diante de Washington.

***Brian Kelly é professor na Queen’s University, Belfast, Irlanda.**

Tradução: **Sean Purdy**.

Publicado originalmente no portal [Rebel News](#).

Notas

[i] Ver “Abuso de Protestantes em Cuba” em *La Joven Cuba* (19 de julho de 2021): <https://jovencuba.com/abusos-manifestantes/>

[ii] Para um resumo equilibrado das forças envolvidas, consulte “Sobre os protestos de 11 de julho”, em *Comunistas* (17 de julho de 2021): <https://www.comunistascuba.org/2021/07/acerca-de-las-protestas-en-cuba-del-11.html>

[iii] O órgão regional latino-americano da ONU (CEPAL) estimou recentemente em US \$ 130 bilhões os danos econômicos causados pelo embargo dos Estados Unidos. Consulte <https://www.reuters.com/article/us-cuba-economy-un-idUSKBN1IA00T>.

[iv] Ver Danny Glover, “Biden’s Fail to end Trump’s War on Cuba is Threatening Lives”, *The Nation* (29 de junho de 2021): <https://www.thenation.com/article/world/cuba-coronavirus-embargo/>

[v] “‘US Sanctions Cuban Officials over Crackdown on Protests’”, *CNBC*: <https://www.cnn.com/2021/07/22/us-sanctions-cuban-defense-minister-special-forces-over-crackdown-on-protests.html>

[vi] Janette Habel oferece uma crítica extensa da corrupção nos níveis mais altos do Partido e do Estado em Cuba: *Revolution in Peril* (Verso, 1991): 177-99.

[vii] Glenda Boza Ibarra, ¿De qué no tiene la culpa el bloqueo? (2021). <https://eltoque.com/de-que-no-tiene-la-culpa-el-bloqueo>

[viii] Samuel Farber, “Why Cubans Protested on July 11”, *In These Times* (27 de julho de 2021): https://inthesetimes.com/article/cuban-revolution-protest-july-united-states?fbclid=IwAR3ITCOExNQJLb-Vo7huwk_PdrR8X2M-m7I8TBlekc

[ix] Monreal escreve nas redes sociais que “uma dinâmica de investimentos que vai desde um peso de investimento em negócios e serviços imobiliários de 21,8% e 2,2% na saúde em 2014, a 50,3% e 0,3 % em 2021, teria sido improvável se os pobres tivessem poder real nas decisões econômicas”. <https://www.facebook.com/pedro.monreal.14>: (21 de julho de 2021).